



**José de Alencar:** dispersos e inéditos / Danielle Cristina Mendes Pereira Ramos... [et al], organizadores. Salvador: EDUFBA, 2021.

## DOS ACHADOS LITERÁRIOS DE JOSÉ DE ALENCAR

Patricia Regina Cavaleiro Pereira<sup>1</sup>  
Universidade de São Paulo (USP)  
(prcpereira@hotmail.com)

Em uma das cartas de Mário de Alencar, encontramos precisas palavras que nos sugerem a impressão que pode causar, ao leitor, os textos inéditos de seu pai, o velho literato, cento e quatro anos depois de publicada a missiva, da qual leremos a passagem a seguir.

São páginas lançadas no desalinho da primeira inspiração, e que ficaram na pasta do escritor, como trabalho de rascunho, e falho até em algumas palavras. Os defeitos que levam, não lhe diminuem, porém, o interesse; ao contrário, a meu ver, dão ao inédito a graça do inacabado, que tanto satisfaz a curiosidade dos admiradores das obras dos artistas, surpreendidos no ato de trabalho. (*Revista do Brasil*, São Paulo, v. IV, ano II, p. 146-231, janeiro-abril 1917; a carta acompanha o texto *A neta do Anhanguera*, publicado no mesmo número da revista)

Considerando a vasta obra textual de José de Alencar, elaborada em seus breves quarenta e oito anos de vida, na qual se envolveu com projetos variados, de teor jurídico, político e literário – que nos interessa sobremaneira aqui –, contamos oito peças de teatro e dezoito romances publicados, além das crônicas do conjunto *Ao Correr da Pena*, de suas polêmicas *Cartas sobre a Confederação dos Tamoios* e de ensaios literários, como *O Nosso Cancioneiro* e *O Vate Bragantino*, ambos também em formato epistolar.<sup>2</sup>

De produção já tão caudalosa, surpreendente é localizar mais composições literárias a serem levadas a lume; no entanto, elas existem e, após cuidadoso trabalho de transcrição e estabelecimento de texto, chegam ao alcance dos leitores, em pleno século XXI. Conservados no Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, oito manuscritos elaborados possivelmente entre 1873 e 1877, ano do

<sup>1</sup> Mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo, USP, Brasil.

<sup>2</sup> Indico os títulos e as datas de publicação dos romances – *Cinco Minutos*, de 1856; *A viuvinha* e *O guarani*, ambos de 1857; *Lucíola*, 1862; *Diva*, 1864; *Iracema*, 1865; *As Minas de Prata*, 1865/1866; *O gaúcho* e *A pata da gazela*, ambos de 1870; *O tronco do ipê* e *Til*, ambos de 1871; *Guerra dos Mascates*, 1871/1873; *Sonhos d'ouro*, 1872; *Alfarrábios*, 1873; *Ubirajara*, 1874; *O sertanejo* e *Senhora*, ambos de 1875, e *Encarnação*, 1893 – e das peças de teatro – *Verso e reverso*, 1857; *O Crédito* e *O Demônio Familiar*, ambas de 1857; *As asas de um anjo*, 1858; *Mãe*, 1860; *O que é o casamento?*, 1861; *A expiação*, 1867, e *O jesuíta*, 1875. Todos os textos estão disponíveis em publicações esparsas e na obra completa de José de Alencar, trazida a lume pela editora Aguilar, cuja referência completa encontra-se ao final desta resenha.



falecimento de Alencar, ainda esperavam vir à luz. Trata-se de duas peças, *Gabriela* e *O Abade*, e seis esboços de possíveis romances, *Ageneto: romance biológico*, *A filha de Belchior*, *A neta do Anhanguera*, *A roceira*, *Ex-homem* e *O pajem negro*, todos inacabados.

Ao nos depararmos com a produção parcialmente publicada e desconhecida de Alencar, vamos ao encontro de um romancista e dramaturgo experiente, que, embora não se afaste do projeto de literatura nacional que trazia em mente – e apresentara a todos no conhecido prefácio *Benção Paterna*, que acompanha o romance *Sonhos d'Ouro*, e em *A Comédia Brasileira*, carta-aberta a Francisco Otaviano, na qual discorre sobre suas ideias teatrais, relacionadas à nacionalização da dramaturgia brasileira –, aborda temas não muito usuais, até então, na criação ficcional brasileira oitocentista.

Fazendo sinopse dos textos, podemos afirmar que o versado escritor faz alusão às expedições monçoeiras do século XVII, em *A neta do Anhanguera* e *O pajem negro*; retrata a história de um amor que nasce em meio à extrema avareza de um comerciante da Corte fluminense, em *A filha de Belchior*; traz a narrativa da repentina paixão de uma jovem por um sacerdote, em *Ex-homem*; refere-se ao preconceito regional e à truculenta e interesseira relação matrimonial de um jovem casal, dividido entre o campo e a cidade grande, em *A roceira*; relata as memórias de um homem ligado às ciências, em *Ageneto: romance biológico*, indica um possível segredo de família a ser revelado, em *Gabriela*, e apresenta os inusitados passos de um jovem que foge da vida religiosa, em *O Abade*.

Em seus textos inacabados, Alencar parece manter a perseverança na formação de uma literatura genuinamente brasileira, sem perder a feição romântica que lhe fora tão característica; lança mão de recursos como extensas e minuciosas descrições de paisagens e inserção de personagens ímpares, que apesar de planas, conseguem atingir o leitor. O fato de não ter tido tempo ou ânimo, em seus últimos dias de vida, para lapidar e concluir os escritos a ponto de deixá-los com o viés que nos acostumamos a ver diante dos olhos, não nos afasta do Alencar que se tornou conhecido de todos no decorrer dos seus dezenove anos de carreira literária, pois “[...] descrever e narrar o Brasil foi o que podemos chamar a grande obsessão do autor de *O Guarani*, e por isso respeitável, porque própria de uma figura altamente cônica e empenhada” (Peloggio, 2015, p.53).

Segundo relata um dos seus mais célebres biógrafos, referindo-se ao ano de 1872, depois da “fadiga das refregas políticas, Alencar buscava nas letras tranquilidade para o espírito” (Viana Filho, 1979, p.239). Após enfrentar dissabores na carreira literária e os mais duros reveses na vida política, o ano de 1873 é provavelmente o momento no qual Alencar começou a escrever os textos que não foram concluídos. Entre 1873 e 1875, poucos anos antes de sua morte, ainda traz a lume quatro importantes romances, *Guerra dos Mascates*, *Ubirajara*, *Senhora*, *O Sertanejo* e a peça *O Jesuíta*, “fracasso de bilheteria”. Já em “fins de dezembro de 1876, funda *O Protesto*, periódico de 16 páginas” (Menezes, 1977, p.372-373), veículo de publicação de *Ex-homem*, um de seus últimos manuscritos.



## Inéditos de uma obra

Após conhecer a sagaz interpretação de Antonio Candido (2007, p. 539-540), não há como nos esquecermos dos três Alencares que existem na obra do criador de *Iracema*: o “dos rapazes, heróico, altissonante”, o “das mocinhas, gracioso, às vezes pelintra, outras, quase trágico” e o “dos adultos, formado por uma série de elementos pouco heróicos e pouco elegantes, mas denotadores dum senso artístico e humano que dá contorno aquilino a alguns dos seus perfis de homem e de mulher”.

Conhecendo a classificação do professor, encontramos-nos em um impasse diante de dois textos inacabados: *A filha de Belchior* e *A roceira*, caso tivessem sido concluídos, seriam romances “dos adultos”? Embora tenham traços de muita singeleza em seus capítulos iniciais, o que os aproxima da pena do Alencar “das mocinhas”, são apresentados temas bastante delicados para o século XIX nas duas narrativas. *Ex-homem* seria, possivelmente, classificado como um romance para meninas e *A neta do Anhanguera* e *O pajem negro* entrariam para a lista das narrativas destinadas aos meninos, em função das aventuras que se encontram nelas. Apenas *Ageneto: romance biológico* não encontraria espaço na conhecida lista de temas alencarianos e, quiçá, pudesse ser considerada mais uma das narrativas para “rapazes”.

Já, conforme classificação preparada pelo próprio Alencar (1960, vol. I, p.495), na qual o “período orgânico” da literatura brasileira apresenta três fases, talvez não haja muito a refletir. *A neta do Anhanguera* e *O pajem negro* unem-se a *O Guarani* e *As Minas de Prata*, pertencendo ao “período histórico”, que “representa o consórcio do povo invasor com a terra americana”. E da “luta entre o espírito conterrâneo e a invasão estrangeira”, da qual emanou *Lucíola*, *Diva*, *A Pata da Gazela* e *Sonhos d’Ouro*, segundo nos elencou o literato, juntam-se *A filha de Belchior*, *A roceira* e *Ex-homem*. E, mais uma vez, *Ageneto: romance biológico* segue como um passarinho fora do ninho, não se enquadrando em nenhum dos tipos de romance alencariano.

Antes de finalizar as conjecturas, contudo, lembremo-nos de que é muito provável que, se o crítico literário ou o próprio escritor tivessem em mãos os manuscritos que foram parcialmente publicados ou não chegaram à prensa, ambos refariam certamente os critérios de rotulação dos romances e teríamos, então, de nos debruçarmos sobre a obra de outro José de Alencar.

## Considerações de uma leitura interrompida

Difícil é a empreitada de analisar com profundidade textos que sequer foram concluídos pelo autor, pois não se sabe quais teriam sido os seus desenlaces e as alterações feitas caso tivessem, de fato, sido realizados. No entanto, apresentá-los é tarefa relevante a fim de que se possa, sobretudo, pressagiar para qual lugar de sua obra o escritor hipoteticamente os teria destinado. De qualquer



forma, prevendo castigos celestiais por tratar-se, fatalmente, de um tipo de violação, retrato-me desde já com o finado Alencar.

Primeiramente, é possível afirmar que a leitura dos inéditos alencarianos nos revela o quão fértil ainda era a imaginação do escritor, mesmo estando bastante enfermo e já perto da morte. Dada a dificuldade de situarmos os textos com precisão cronológica, na sequência, serão apresentadas linhas gerais e apontamentos breves das narrativas e peças de teatro conforme a ordem alfabética dos títulos, procurando sempre não perturbar – com referências aos prematuros desfechos – o leitor que pretender conhecer o texto disponível.

De *Ageneto: romance biológico*, conhecemos apenas as duas páginas iniciais, que nos apresentam uma narrativa em primeira pessoa, na qual o narrador começa a relatar memórias de uma temporada em Paris, onde “estava [...] empenhado em fazer uma coleção das melhores obras de biologia”. Nele, há menção a títulos de autoria de nomes dos séculos XVIII e XIX ligados à ciência, biologia e medicina, chamados, na época, de “naturalistas”, como Ernst Haeckel (1834-1919) e Karl Ernst Büchner (1786-1861).

Nas laudas disponíveis de *A filha de Belchior*, romance dividido em onze capítulos, temos uma narrativa em terceira pessoa que se passa na Corte. Os personagens centrais – o avaro José Xavier Cardim, o belchior, pai da inocente Constança; Ernesto Ávila, empregado no estabelecimento de Cardim; Amaral, benfeitor de Ávila, e Adelaide, filha de Amaral – envolvem-se em um enredo bastante singelo, constituindo uma narrativa linear, de relacionamentos, sem grandes feitos – entre Cardim, Constança e Ernesto –, que, por vezes, até pouco antes de ser abandonada por Alencar, apresenta traços pueris.

Em seus últimos capítulos, no entanto, a história toma um rumo inesperado e parece caminhar para um desfecho mais interessante, lembrando-nos *Senhora*, não apenas em função do aparecimento do personagem Lemos, administrador,<sup>3</sup> como também devido à valiosa função atribuída ao elemento epistolar, no capítulo VII e no final do romance; duas cartas que transformam o direcionamento da narrativa, como nos mostra o parágrafo final: “Chegado à casa, tirou Ávila da gaveta a carta volumosa, e rompeu-lhe o invólucro. Continha trinta contos de réis em notas de quinhentos mil réis”.

Nos três primeiros capítulos disponíveis de *A neta do Anhanguera*, de 1873, deparamo-nos com o início de um romance no qual é abordado um dos mais importantes períodos da história do Brasil, momento em que as monções percorriam os rios, em busca de ouro, país adentro. Talvez, com esse projeto de livro, Alencar pretendesse concluir a amplitude de seus romances históricos; nele, temos uma vasta descrição dos elementos naturais presentes em uma expedição sertanista, de março de 1725, que sai da vila de São Paulo de Piratininga rumo ao Mato Grosso.

---

<sup>3</sup> No romance *Senhora*, o Sr. Lemos, tutor de Aurélia Camargo, foi o encarregado de fazer a proposta de casamento da jovem a Fernando Seixas; mesma função atribuída ao Sr. Lemos de *A filha de Belchior*.



Narrado em terceira pessoa, o romance de quatro capítulos intitulos<sup>4</sup> nos traz a trajetória de importantes nomes da história paulista e brasileira, como Antônio Mendonça, “o Barbicas”; Jerônimo Bueno, “o Pé de Pau”; e Manuel Borba Gato, sendo interrompida no auge de uma peleja entre D. Beatriz, a neta de Bartolomeu Bueno da Silva, “o Anhanguera”, e animais selvagens, em meio à floresta, “galeria de verdura formada pelos dois renques de jequitibás”.

Em *A roceira*, projeto de romance cujo primeiro capítulo foi publicado em *O Jornal*, aos 18 de dezembro de 1927, no Rio de Janeiro, há uma narrativa em terceira pessoa que se passa no atual estado do Rio de Janeiro; especificamente, na fazenda Sapucaia, localizada na cidade de Resende, e na capital do Império. Trata-se de um romance de temática delicada para o século XIX. A família Valim, interiorana ou “roceira”, nos termos do romance, tem como patriarca o Major Pedro da Fonseca Valim, que cede a mão de Adelina, sua filha com Dona Rosa, ao conselheiro Salustiano Freire, da Corte. Na narrativa inacabada, encontramos a história de um matrimônio desveladamente arranjado que conduz a jovem Valim à infelicidade completa, ao descobrir que o marido, que já a menosprezava e destratava em função de sua origem, também a traía com outras mulheres. Leiamos o excerto:

Sua vida [a de Salustiano Freire] foi o que há de mais solteira na sociedade atual, em que nem os homens de elevada posição se incomodam já em guardar as conveniências. A Rua do Ouvidor era para ele como a antessala de um camarim, que abria-se ali no quarto de qualquer hotel.

A título de curiosidade, destaco algumas linhas da “Nota da redação” que acompanha o romance *Ex-homem*, nas quais há referência ao pseudônimo “Synerius”, que assina a narrativa:

Recebemos há dias este manuscrito de pessoa desconhecida que não sabemos como aventou o projeto da publicação deste jornal. O nome que o assina deixa-nos em completa ignorância acerca de sua posição na sociedade como na literatura brasileira. [...] Em todo o caso, como o nosso fito é agitar salutarmente a opinião para arrancá-la ao profundo marasmo em que jaz, aceitamos a colaboração do incógnito romancista, sem nenhuma solidariedade de convicções. O tópico é enérgico: mas será ele um remédio, e sobretudo nestes tempos em que a filosofia positiva ataca a santidade do casamento e suprime a família?

O texto, que, segundo o autor, não é “uma obra de sentimento; mas um livro de razão”, foi publicado em *O Protesto*, aos 05 e 24 de janeiro de 1877 e aos 20 de março de 1877. A trama é dividida em sete capítulos e as ações se passam na cidade rural de Valença, do atual estado do Rio de Janeiro. Saliento que, antes do primeiro capítulo, lemos a inscrição “Livro I: o desconhecido”; palavras que nos fazem pensar na possibilidade de *Ex-homem* ter sido um projeto de fôlego, como

---

<sup>4</sup> Respectivamente: “A expedição”, “A montaria”, “A rixa” e “A caninana”.



foram os romances *As Minas de Prata* e *Guerra dos Mascates*. Carlos, o filho; Margarida, a mãe; Gabriela, a filha; e o estranho “ex-homem” são os personagens de uma trama que abandona o leitor brevemente, deixando-lhe uma curiosa descoberta em suas últimas linhas.

*O pajem negro*, de 1877, foi reproduzido na *Revista da Academia Brasileira de Letras* em julho de 1911. Trata-se de uma narrativa em terceira pessoa, dividida em quatro capítulos nomeados.<sup>5</sup> Nela, temos, novamente, uma trama que se passa entre descendentes de bandeirantes e monçoeiros, cujo enredo, entremeado de muitas descrições da natureza e paisagens em geral, transcorre em maio de 1626.

Ressalto que, na *Advertência* de janeiro de 1875, lemos a genealogia de Bartolomeu Bueno da Silva, o mesmo de *A neta do Anhanguera*, e, portanto, avô da mesma Beatriz de Siqueira, que surge no último capítulo disponível da trama. Juntam-se a ela os personagens Pablo, o lacaio e seu amo, D. João Mateus Rendon, fidalgo espanhol do Reino de Leão e Castela, que se encaminham da Capitania de São Vicente para a província de Santo André da Borda do Campo de Piratininga, quando, em meio a um grande quiprocó estabelecido com a chegada dos estrangeiros em território desconhecido, ambos se deparam com Dona Mécia Fernandes, filha de Bartolomeu Bueno da Ribeira; Dona Beatriz e Rinaldo, o pajem negro. A narrativa, bastante divertida, é interrompida, deixando no ar a expectativa do surgimento de mais uma história de amor, desta vez, entre Beatriz e Rendon.

Dos textos teatrais de José de Alencar, temos publicadas seis comédias e apenas dois grandes dramas, *Mãe* e *O Jesuíta*, a que *Gabriela* e *O Abade* vêm somar, teoricamente. Nessas duas “novas” composições teatrais, o escritor cearense revela um pouco mais de sua face dramática. O professor e especialista João Roberto Faria (1987, p.170), que nos anos 1980 já havia tido contato com as duas peças, anunciou que os “[...] manuscritos de *Gabriela* e *O Abade* [estavam] à espera de um trabalho paciente de estabelecimento de texto, para posterior publicação”.

*Gabriela*, peça em quatro atos que se passa no Rio de Janeiro “contemporâneo”, segundo o dramaturgo, conta com cinco personagens, cujas idades são especificadas: Dona Elisa Figueiredo e sua filha, Gabriela, o Barão de Oliveira, Maurício Duarte e Joaquim Figueiredo. No primeiro ato, único a que temos acesso, encontramos quatro cenas nas quais o drama em si parece distante; dessa forma, não é possível vislumbrar de onde surgiria a fatalidade que estaria por vir; o que se lê nas entrelinhas é apenas a possível existência de um segredo de Dona Elisa Figueiredo que, talvez, acarretasse cenas e um desfecho realmente dramático para a peça, caso ela tivesse sido concluída.

João Roberto Faria (1987, p.168) acredita que os dois textos teatrais tenham sido redigidos entre 1857 e 1861, “[...] período em que Alencar mais se dedicou ao teatro [...]”, e que, “pelo esboço das personagens, pela preocupação com a moral e pela naturalidade das suas poucas cenas, [*Gabriela*] seria, se

---

<sup>5</sup> Respectivamente: “Um lacaio sisudo”, “Dois em cima de um”, “As espadas e o leque” e “Os republicanos de Piratininga”.



concluída, mais uma peça da família dos ‘daguerreótipos morais’; importante contribuição e hipótese analítica.

*O Abade*, que “traz a data de 1875 em seu frontispício” (Faria, p.168), é um “drama em seis quadros”, dos quais três atos incompletos estão disponíveis aos leitores. Trata-se de uma peça “ímpar na dramaturgia de Alencar, [que nos apresenta] alguns traços típicos do drama de capa e espada, como a ação situada no passado, os duelos, os esconderijos e o uso de disfarces” (Faria, p.169).

Contrariando em absoluto o patriotismo literário de todos os escritos alencarianos, ambientados em terras brasileiras, as ações de *O Abade* transcorrem fora do Brasil, em território espanhol. Em linhas muito gerais, o texto nos revela a história de D. Tello de Vilhena, cujo pai, o Marquês de Vilhena, esperava que o filho abraçasse a vida clerical, pois era “um costume secular de [...] família [...] que o terceiro filho se [destinasse] à Igreja, como o primeiro às armas e o segundo à toga”. Sem vocação para tal destino, o jovem decide fugir da casa paterna, deixando Pepita, sua enamorada, extremamente aflita. Talvez aí resida a pouca dramaticidade inicial da peça; pois, apesar de chamado de drama por Alencar, o texto é dotado de um tom fortemente cômico nas primeiras cenas disponíveis. O imbróglio que mais causa riso ao leitor se estabelece com a presença de D. Estevão de Alfarrache Sangramor, velho soldado e tio-avô de Pepita, com quem a jovem parte, disfarçada de abade, procurando reencontrar e proteger seu amado, e passando por peripécias junto aos vários personagens masculinos da história.

Apesar de não contemplar o contexto brasileiro, conforme nos relata mais uma vez João Roberto Faria (1987, p.170), o enredo da peça “parece estar ajustado ao gosto teatral da década de 1870, com muita música, dança, humor, desafios e aventuras”. Além disso, o professor nos lembra que “a decepção com *O Jesuíta* e a longa e cansativa polêmica travada com Joaquim Nabuco, nos meses de outubro e novembro de 1875” podem ter sido fatores decisivos para que Alencar abandonasse definitivamente *O Abade*.

### **Um convite à leitura**

Saber com exatidão os fatores que levaram Alencar a não concluir alguns de seus textos não é possível, o que se aventa, baseando-se em relatos biográficos, é a possibilidade de abatimento e cansaço diante das agruras pelas quais passou o literato cearense, sobretudo nos últimos anos de vida, repletos de adversidades de ordem profissional, relacionadas às trajetórias política e literária, e pessoal, com o enfrentamento derradeiro da tuberculose que o acompanhou por quase toda a vida, tirando esta antes que completasse cinquenta anos de idade.

Sem sombra de dúvida, é uma grande honra ter a chance de participar de um projeto que revela ao grande público aqueles que podem ser os últimos textos ainda não integralmente publicados de um escritor e dramaturgo cujo nome permanecerá na posteridade, respondendo à indagação do próprio Alencar a um amigo, em um de seus momentos de melancolia, no fim da vida.



Portanto, os leitores que ainda não tiveram contato com os inéditos, disponíveis nesse volume, devem fazê-lo o quanto antes para que possam complementar as observações feitas aqui e, assim, enriquecer ainda mais a fortuna crítica de uma das obras mais importantes da literatura brasileira.

## Referências

ALENCAR, José de. **Obra Completa**, vols. I, II, III e IV. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1960.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)**, 11<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

FARIA, João Roberto Gomes. **José de Alencar e o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

MENEZES, Raimundo de. **José de Alencar: literato e político**, 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

PELOGGIO, Marcelo; VASCONCELOS, Arlene Fernandes; BEZERRA, Valéria Cristina (orgs.). **José de Alencar: século XXI**. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

**Revista do Brasil**, São Paulo, ano II, v. IV, p. 146-231, jan./abr. 1917.

VIANA FILHO, Luís. **A Vida de José de Alencar**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1979.

Recebido em: 15/09/2023

Aceito em: 07/11/2023